

Disciplina na educação prática de Kant

Renata Cristina Lopes Andrade

Doutoranda em Educação pela UNESP Marília

Resumo

A educação, segundo Kant, divide-se em *física* e *prática*. A educação física tem em vista os cuidados com o infante, a educação prática diz respeito à formação do sujeito (para que ele possa desenvolver sua humanidade e viver como um ser livre). A formação ou educação prática, por sua vez, se divide, essencialmente, em dois momentos, *disciplina* e *instrução*. Pretendemos aqui investigar o papel da *Disciplina* no projeto filosófico da Educação Prática de Kant. Verificamos o constrangimento ao falar da questão da disciplina no âmbito pedagógico (muitas vezes ligada ao autoritarismo), desse modo, pretendemos elucidar o pensamento pedagógico kantiano, uma tentativa de, ademais, revelar possíveis contribuições da modernidade às discussões contemporâneas. Para o filósofo a disciplina desempenha um papel vital na educação prática – a educação do homem livre. Procurando expor e justificar essa posição, iremos analisar alguns momentos do conjunto de preleções “Sobre a pedagogia”, porém, sem perder os vínculos com o todo do pensamento prático e teórico de Kant.

Palavras-chave: Kant; Educação; disciplina.

Résumé

L'éducation, selon Kant, est divisé en physique et pratique. L'éducation physique vise à prendre soin de l'enfant, l'éducation pratique concernant la formation du sujet (afin qu'ils puissent développer leur humanité et vivre comme un être libre). La formation pratique, à son tour, est divisé essentiellement en deux moments, la discipline et l'instruction. Nous avons l'intention ici d'examiner le rôle de la discipline dans le projet philosophique de la éducation pratique chez Kant. Nous vérifions la contrainte pour discuter de la question de la discipline dans l'éducation (souvent liée à l'autoritarisme), donc nous avons l'intention d'éclaircir la pensée pédagogique de Kant, une tentative, par ailleurs, révéler d'éventuelles contributions de la modernité aux débats contemporains. Pour le philosophe la discipline joue un rôle vital dans la l'éducation pratique – l'éducation d'être libre. Vous cherchez à exposer et justifier cette position, nous allons examiner quelques instants de la série de conférences «Sur la pédagogie» sans perdre les liens avec toute la réflexion théorique et pratique de Kant.

Mots-clés: Kant; éducation; discipline.

Antes de nos determos na questão da *disciplina* no interior do projeto kantiano de educação prática (intenção central da presente exposição), é preciso esclarecer uma outra questão, a saber: o que podemos entender por “prático” na filosofia (no pensamento) de Kant? *Prático* diz respeito ao que *deve acontecer mediante leis da liberdade*, segundo o próprio filósofo, “chama-se prático tudo o que se refere à liberdade” (KANT, 1999, p. 35).

Kant no texto *Sobre a pedagogia*¹ parte da seguinte proposição: “O Homem é única criatura que precisa ser educada” (Idem, p. 11). Segundo o filósofo, para que seja possível o pleno desenvolvimento do Homem, para ele possa desenvolver/alcançar integralmente a sua *Humanidade*, ou ainda para que o homem possa avançar algum passo em direção à *perfeição da natureza humana*, a educação, nesse caso, se faz necessária². O pleno desenvolvimento (o alcance) da *Humanidade*³, segundo Kant, pressupõe a

¹ “Os professores de Filosofia da Universidade de Königsberg deviam regularmente ministrar curso de pedagogia aos estudantes, revezando-se. M. Crampe-Casnabert refere que as Lições de Pedagogia foram ministradas por Kant em 1776/77, 1783/84 e 1786/87.” (*Sobre a Pedagogia – Prefácio*). Os professores de filosofia das Universidades alemãs ocupavam-se também de cursos de Pedagogia, o que se justifica, afinal, muitos dos filósofos da época tiveram por objeto de reflexões e indagações a educação. A maior parte do pensamento pedagógico de Kant encontramos no conjunto de preleções intitulado *Sobre a pedagogia (Über Pädagogik)*, o texto foi publicado por Friedrich Theodor Rink (mediante autorização de Kant) em 1803 sendo resultado de relatos recolhidos por Rink, aluno de Kant quando este lecionou cursos de pedagogia na Universidade de Königsberg. O tema da educação muitas vezes não é levado em consideração enquanto discussão filosófica do pensamento kantiano, o que ocorre, em grande medida, pelo modo como a teoria moral de Kant é tratada costumeiramente, ou seja, não se leva em consideração (nem se apreende o valor) a sua parte empírica, a qual é negada, muitas vezes, pelas desconfianças no que diz respeito à origem e autoria – autêntico/não autêntico, kantiano/não kantiano – nesse caso do texto *Sobre a Pedagogia*. Porém, pensamos ser possível desfazer a desconfiança acerca da autenticidade da obra ao abarcarmos as demais considerações (embora não sistemáticas) de Kant acerca da educação em sua Filosofia, podemos apontar, em particular, a *Doutrina do Método* das obras *Crítica da razão pura*, *Crítica da razão prática* e *Metafísica dos Costumes*.

² “Atrás da educação repousa o grande segredo da perfeição da raça humana” (KANT, 1999, p. 15).

³ Por *Humanidade* Kant entende: o desenvolvimento de habilidades, qualidades e capacidades, desenvolvimento da prudência, alcance do conhecimento e da liberdade. Para o pleno desenvolvimento do homem (desenvolvimento de sua Humanidade) é pressuposto o desenvolvimento da *razão*, que para o filósofo, é a faculdade dos princípios – princípios do conhecimento e princípios práticos (Cf. *Crítica da razão prática* A216). A educação, indicada por Kant, parece ser um dos mecanismos capaz de tal desenvolvimento.

educação enquanto elemento necessário – uma pré-condição necessária, talvez não suficiente, mas necessária⁴.

Não são poucos os momentos em que Kant ressalta o valor e a intrínseca necessidade da educação para o Homem⁵, assim, sendo a educação de suma importância para ser humano, o filósofo apresenta e justifica, em seu pensamento sobre a pedagogia (dentre outras coisas): i) o porquê para os homens a educação é indispensável/necessária, ii) o que podemos chamar (entender) de “a arte de educar” (a pedagogia – entendida enquanto Doutrina da Educação), iii) quais são os fins da educação segundo a sua perspectiva.

Tendo em vista o objetivo central da presente exposição – o papel da disciplina na educação prática de Kant – vejamos então, inicialmente, o que podemos entender (ainda que de modo breve) por *educação*, segundo o ponto de vista kantiano.

De acordo com as primeiras considerações das preleções *Sobre a Pedagogia*, podemos entender a educação sob duas perspectivas fundamentais, bem como, por quatro momentos essenciais, a saber: *Física e Prática – cuidado, disciplina, instrução e direcionamento*: i) *Educação Física*: o cuidado, ii) *Educação Prática*: a disciplina, a instrução e o direcionamento.

A educação física tem em vista os *cuidados* com o infante – precauções, conservação e trato – tem por função impedir que o infante faça um uso prejudicial de suas próprias forças. A educação física (ou o cuidado) é de responsabilidade dos pais, nesse sentido temos, com Kant, os pais enquanto o primeiro educador. Nas palavras do filósofo: “Por cuidados entendem-se as precauções que os pais tomam para impedir que as crianças

⁴ É, portanto, inserido neste pensamento que Kant lança uma pergunta que até hoje nos faz refletir: “Como poderíamos tornar os homens felizes, se não os tornamos morais e sábios?” (KANT, 1999, p. 28). Para que os homens se tornem morais e sábios, e, portanto, felizes, alerta o filósofo, é preciso que sejam *educados*.

⁵ Por exemplo: “O homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz” (KANT, 1999, p. 15).

façam uso nocivo de suas forças” (KANT. 1999. p. 11). Eis o momento inicial da educação kantiana – o cuidado.

A educação prática, por sua vez, diz respeito à *formação* do ser humano “disciplina e instrução com a formação”⁶, para que o homem desenvolva a sua humanidade e possa viver enquanto um ser *moral e livre*, noutras palavras o alcance de sua *liberdade*, eis, segundo Kant, a sua destinação⁷ ou o seu fim último do homem⁸.

A *formação* ou *educação prática* se divide, essencialmente, em dois momentos, *disciplina* e *instrução*, o que Kant chama também de parte negativa e parte positiva da educação prática. Vale ressaltar: a educação kantiana apresenta-se sob duas perspectivas fundamentais – *física* e *prática*, apresentando três momentos – *cuidado*, *disciplina* e *instrução*.

Pretendemos, nesse momento, chamar a atenção especificamente à parte negativa (ou primeiro momento) da educação prática, vale dizer, à *disciplina* (*Disziplin*), averiguando a função e a necessidade da *disciplina* no projeto filosófico da *Educação Prática* de Kant. Vejamos o que Kant entende por disciplina e qual sua específica função no processo de desenvolvimento/alcance da *Humanidade* (própria a todo homem).

A disciplina é apontada pelo filósofo enquanto uma condição (um estágio preliminar e imprescindível) à educação completa do homem, diz Kant: “a disciplina transforma a animalidade em humanidade [...] é o tratamento através do qual se tira do homem a sua selvageria” (KANT, 1999, p. 12). Nesse sentido, a disciplina é o que transforma (ou pode transformar) a animalidade, a selvageria, o estado bruto em humanidade⁹; a disciplina, na visão de Kant, apresenta-se enquanto o primeiro e decisivo passo na transição da animalidade à humanidade.

Se focalizarmos na função específica da *disciplina*, podemos então dizer que ela é puramente negativa, ou seja, apresenta um *caráter negativo*,

⁶ KANT, 1999, p. 11.

⁷ Cf. *Sobre a pedagogia*.

⁸ Cf. *Crítica do juízo* §§ 82-84.

⁹ Isso significa, ademais, que o homem não nasce pronto.

afinal é a espécie de tratamento mediante o qual se tira do homem a sua selvageria, do seu estado bruto, de sua condição instintiva, impulsiva ou de inclinação, o que significa, para o filósofo, um dizer *não* a animalidade, preparando o homem para o momento da formação e desenvolvimento, isto é, a parte positiva da educação prática. Segundo Oliveira (2006, p. 74): eis “a formação geral da humanidade para além da animalidade da raça humana”¹⁰.

Podemos observar que este modo de se referir aos momentos da educação prática enquanto negativa (disciplina) e positiva (formação), é uma distinção realizada por Kant, por exemplo, na *Crítica da Razão Pura*:

A compulsão pela qual a tendência constante para desobedecer a certas *regras* é reprimida e finalmente extirpada é chamada de *disciplina*. (...). Para a formação (*Bildung*) é o desenvolvimento de um talento, o qual já possui em si próprio a tendência para se manifestar, a disciplina oferecerá, portanto, uma contribuição negativa: a formação e a doutrina (*Doktrin*) uma contribuição positiva (KANT, 1983, p. 350)¹¹.

Se, de acordo com Kant, a disciplina é o que possibilita a transição da animalidade à humanidade, quais são as razões de Kant para sustentar essa necessidade? Ou seja, quais as razões de Kant para sustentar a necessidade da passagem (transição/saída) da animalidade (selvageria/estado bruto) à Humanidade.

¹⁰ Devemos dizer, nesse momento, que a ideia de passagem ou transição da selvageria, animalidade, estado bruto à humanidade, já havia sido apontada por Kant em algumas obras anteriores à *Sobre a pedagogia*, como é o caso da obra intitulada *Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita* (1784): “[...] um curso regular para conduzir a nossa espécie aos poucos de um grau inferior de animalidade até o grau supremo de humanidade [...]” (KANT, 1986, p. 18). Ou ainda, na obra *Início conjectural da história humana* (1786): “a partir dessa apresentação da primeira história da humanidade resulta o seguinte: a saída do homem da sua primeira morada, representada por meio da razão como o paraíso, foi a passagem da rudeza de uma criatura meramente animal para a humanidade, foi a passagem, das andadeiras do instinto para a condução da razão, em outras palavras, foi a passagem do estado de tutela da natureza para o estado de liberdade” (KANT, 2009, p. 161) Eis, ademais, a relação de completariedade da *Sobre a pedagogia* com as demais obras kantianas ditas autênticas.

¹¹ Reforçando a relação de completariedade da *Sobre a pedagogia* com as demais obras kantianas ditas autênticas.

O ponto de partida de Kant em seus argumentos inicia a respeito da educação e seus elementos característicos, é a distinção (as diferenças) entre o animal e o homem (animal racional).

Um animal, diz ele, é por seu próprio *instinto* tudo aquilo que pode ser, há uma “razão” (motivo ou natureza) exterior que tomou por ele, antecipadamente, todos os cuidados precisos. Por exemplo: “Se um animal ao vir ao mundo, gritasse, como fazem os bebês tornar-se-ia com certeza presa dos lobos e outros animais selvagens atraídos pelos seus gritos” (KANT, 1999, p. 11). Na natureza, como aponta Kant, não nos falta exemplos da sagacidade do instinto animal¹².

Porém, o homem não é puro ou apenas instinto, ele apresenta em sua constituição uma (sua) porção sensível (instintiva, impulsiva, de inclinações) e racional – é também um ser dotado de razão (faculdade da razão, faculdade racional), por esse motivo, por não ser puro instinto, precisa formar (tem a necessidade de formar) por si o projeto de sua vida – sua conduta, seu comportamento, suas ações.

Por outro lado, por si só o homem não tem a capacidade imediata de realizá-lo, isso é, não apresenta (por si só), a capacidade de iniciar o processo de desenvolvimento de sua racionalidade, vale dizer, de sua *Humanidade*¹³, é necessário mediações, mister se faz o auxílio do outro, o outro encontramos na educação conforme é pensada por Kant¹⁴.

O primeiro passo (ou momento) para o alcance da humanidade está, precisamente, segundo Kant, em negar a selvageria, o que é possível mediante a disciplina.

¹² Outro exemplo do instinto animal oferecido por Kant: “É de fato maravilhoso ver, por exemplo, como os filhotes de andorinha, apenas saídos do ovo e ainda cegos, sabem dispor-se de modo que seus excrementos caiam fora do ninho” (Idem).

¹³ Vale lembrar que por *Humanidade* Kant entende o desenvolvimento das habilidades, qualidades e capacidades, o desenvolvimento da prudência e o alcance do conhecimento e da liberdade. Para tanto, é pressuposto o desenvolvimento da *razão* – a faculdade dos princípios, princípios do *conhecimento* e princípios *práticos*.

¹⁴ Queremos dizer que mediante a *Educação*, Kant aponta um dos mecanismos (não o único, mas um deles) que pode fornecer efetivamente a resposta à questão prática: “o que devo fazer”, de modo a fazer (realizar) com valor moral.

Na concepção de Kant, a selvageria, o puro instinto ou animalidade, consiste na independência de toda e qualquer *lei*; a disciplina, por sua vez, submete (é o início do processo) o homem às *leis*. Porém, importa dizer que não são quaisquer leis, antes, são as *leis da humanidade*, isto é, leis da sua própria humanidade – que, não perdendo de vista o conjunto do pensamento prático kantiano, nada mais são, senão, *leis da liberdade*. Nesse sentido, diz o filósofo:

(...) o homem é tão naturalmente inclinado à liberdade que, depois que se acostuma a ele por longo tempo, a ela tudo sacrifica. Ora, esse é o motivo preciso, pelo qual é conveniente recorrer cedo à disciplina, pois, de outro modo, seria muito difícil mudar depois o homem (KANT, 1999, p. 12.).

É preciso atentar-se para o fato de que o dizer não (negar) à selvageria, o transformar a animalidade em humanidade, não significa destruir ou erradicar com todo e qualquer instinto, não significa ter que abolir ou suprimir com toda e qualquer inclinação, desejos, paixões, apetites ou sensação. Kant não afirma (ou exige), em momento algum, a necessidade de qualquer erradicação das inclinações, paixões, sensação, em suma, da porção sensível do homem.

Devemos ressaltar que negar a animalidade significa, especificamente, procurar evitar que a animalidade cause danos à humanidade, ou seja, ao desenvolvimento da humanidade. Nas palavras de Kant:

A disciplina é o que impede ao homem de desviar-se do seu destino, de desviar-se da humanidade, através das suas inclinações animais. Ela deve, por exemplo, contê-lo, de modo que não se lance ao perigo como um animal feroz, ou como um estúpido (KANT, 1999, p.12).

Portanto, a disciplina deve, por exemplo, conter o homem de modo que ele não se lance ao perigo causando-lhe danos e prejuízos.

O puro instinto, impulsos ou inclinações podem apresentar uma tendência ao bem, à benevolência, porém são cegas e servis¹⁵, não sabem determinar o correto moral, como explica Kant em *Lições de ética*: “Temos

¹⁵ *Crítica da razão prática* A213.

um instinto benevolente, mas não um instinto que sabe determinar o correto”. Vale dizer, o agir correto do ponto de vista da moralidade. Eis, a necessidade de negar a animalidade (bem cedo) e formar um projeto de conduta. Conforme aponta Kant, não se pode abolir (mais tarde) o estado selvagem e corrigir um defeito de disciplina, a falta de disciplina é um mal pior que a falta de cultura, pois esta pode ser remediada mais tarde, ao passo de que não se pode abolir o estado selvagem e corrigir um defeito de disciplina¹⁶.

A inclinação pode causar (por vezes) danos à própria *humanidade*, pode levar ora ao bem, ora ao mal¹⁷. Sendo assim, a disciplina é fundamental para que no futuro o homem não se lance aos perigos, nem mesmo siga, de fato e imediatamente, a cada um de seus caprichos, instintos, impulsos ou inclinações.

Podemos dizer que a disciplina é o que permite (é o primeiro passo) o indivíduo contrapor-se à pretensão imediata das suas inclinações e impulsos; a disciplina, na visão kantiana, é fundamental para que o homem possa, no futuro, agir segundo um *projeto* ou *ideal de conduta*, isto é, a *conduta* ou

¹⁶ KANT, 1999, p. 16.

¹⁷ Em momento algum Kant afirma que as ações determinadas pelas inclinações (aquilo que desejo face às minhas sensações) são erradas, segundo ele, são ações, precisamente, praticadas por razões errôneas. Isso implica dizer que, por mais que a ação por inclinação seja correta ou boa, o problema é que, ademais, a determinação sensível retira todo o valor moral do ato, pois mesmo que o ato seja *bom*, em todos os casos de determinação sensível (ou por inclinações) o que prevalece é o *Querido Eu* (KANT, 190, p. 120), ou seja, ações visando um objetivo específico e particular, o qual sempre se sobressai excluindo completamente o *valor* moral da ação, restando apenas a intenção egoísta. Por exemplo: suponhamos que eu vá à igreja e o padre me diga “você deve ser bom, ser justo e honesto, caso contrário, não ganhará o reino dos céus”. Ora, eu quero ganhar o reino dos céus, então, serei bom, justo e honesto. A minha ação, certamente, será correta. Mas, há *valor moral*? Veja: o que determina a minha ação, nesse caso, é o meu *fim subjetivo*, ou seja, o meu desejo pelo reino dos céus. Quais os problemas desse tipo de determinação e porque ela carece de valor: i) faço o que faço por causa dos *meus interesses* particulares (subjetivos) e o que prevalece ou sobressai é o meu *querido eu*; ii) amanhã eu posso deixar de temer a Deus ou não ter mais esse fim, não querer mais o reino dos céus, desse modo, não havendo mais o temor ou o meu desejo posso deixar de ser bom, honesto e justo. Diferentemente de quando o que me move é o *princípio supremo da moralidade* (a ação por princípio – a lei moral por excelência); independente de toda e qualquer inclinação, o *fim da ação* é objetivo e me *ordena* sempre (independente de qualquer particularidade), e em todos os casos diz – devo ser bom, justo e honesto.

ação detentora de valor moral que, para Kant, é de longe o mais alto e sem qualquer comparação¹⁸.

Nesse sentido, podemos pensar a *disciplina* enquanto uma condição preliminar e necessária à educação do *homem moral*, isto é, àquele homem que age segundo *princípios*.

Disciplinar, conforme posto por Kant, não diz respeito à mera imposição de quaisquer regras, leis ou ordens, de modo que se deva cumprir exatamente o que fora comandado/ordenado, igualando-se com o mero autoritarismo ou “regime de ordem”. Segundo Kant:

Bem sei que na linguagem escolástica se costuma usar os termos disciplina e instrução como sinônimos. Só que frente a isto há tantos casos em que a primeira expressão, usada no sentido de *regime de ordem*, é cuidadosamente distinguida da segunda, usada no sentido de *ensinamento*, a própria natureza das coisas também reclamando a manutenção das únicas expressões convenientes para esta distinção, que desejo jamais seja permitido empregar a primeira palavra com um outro significado senão o negativo (KANT, 1983, p. 350).

Não se trata de submeter a criança à escravidão ou à mera servidão, mas, muito antes, trata-se de negar (domar) o instinto, o impulso, os caprichos e as inclinações imediatas mediante *as leis de sua própria humanidade* – leis as quais o homem é capaz de oferecer a si próprio. O homem deve ser disciplinado, que, em suma, significa procurar *impedir que a animalidade prejudique o caráter humano*.

Conforme esclarece Vicenti: “prepara-se, então, através da disciplina, o exercício de um homem verdadeiramente livre” (VICENTI, 1994, p. 23).

Finalizando, podemos dizer que *conceito de disciplina*, conforme concebido por Kant, desempenha um papel central (afinal, é apresentado enquanto o primeiro e decisivo passo à humanidade – ao desenvolvimento/alcance da Humanidade) no interior do processo educacional que o filósofo denomina de *educação prática* – a educação do homem moral e livre: “A educação *prática* ou *moral* (chama-se prático tudo

¹⁸ Cf. KANT, 1980, p. 113.

que se refere á liberdade) é aquela que diz respeito à construção (formação) do homem, para que ele possa viver como um ser livre” (KANT, 1999, p. 34-5).

Referências Bibliográficas

DALBOSCO, Cláudio Almir. *Da pressão disciplinada à educação moral: esboço sobre o significado e o papel da pedagogia no pensamento de Kant*. In: *Educação e sociedade*. Campinas, v. 25, n. 89, Set./Dez., 2004: (1333 – 1356).

KANT, I. *Sobre a pedagogia*. Piracicaba: Unimep, 1999.

_____. *Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

_____. *Comienzo presunto de la historia humana*. In: *Filosofia de la historia*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1992.

_____. *Início conjectural da história humana*. *ethic@*: Florianópolis, v.8, n.1, junho/2009, p. 157-168.

_____. *Crítica da Razão Pura*. Trad. de Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger – 2º ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. *Crítica da Razão Prática*. Trad. por Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *Crítica da Faculdade do Juízo*. Trad. por Valério Rohden e António Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Trad. de Paulo Quintela. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____. *Lectures on Ethics*. Edited by Peter Heath & J. B. Schneewind. Translated by Peter Heath. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

OLIVEIRA, M. N. de. *A educação na ética kantiana*. IN: *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v.30, n.3, p. 447-460, set./dez. 2004.

_____. *Para inspirar confiança: considerações sobre a formação moral em Kant*. IN: *Revista Transformação*, São Paulo, 29 (1): 69-77, 2006.

VINCENTI, Luc. *Educação e liberdade: Kant e Fichte*. Trad. Élcio Fernandes. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1994.

WALKER, R. *Kant e a Lei Moral*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.